# *A Mulher Monstro*. Uma reflexão sobre o enredo

# *The Monster Woman*. A reflection on the plot

**Marissel Marques**
Universidade de Coimbra
Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX - Ceis20
marissel.marques@gmail.com

## Resumo

A peça *A Mulher Monstro*, da S.E.M. Cia de teatro, inserida na programação do Festival de Teatro de Curitiba de 2019, é uma colagem de declarações preconceituosas, polêmicas e verídicas de políticos e figuras públicas, manchetes de revistas, jornais, de opiniões de redes sociais e do cotidiano do dramaturgo, as quais são atualizadas a cada apresentação. Farei uma leitura sobre o enredo a partir de um enquadramento conceitual.

**Palavras-chave**: A mulher monstro; embate cultural; desigualdade social

## Abstract

The play *The Monster Woman*, S.E.M. theater company, included in the 2019 Curitiba Theater Festival program, is a collage of prejudiced, controversial and true declarations of politicians and public figures, magazine headlines, newspapers, social networking opinions, and the playwright's daily life, which are updated with each presentation. I will make a reading about the plot from a conceptual framework.

**Keywords:** The monster woman; cultural clash; social inequality

*******

O monólogo *A Mulher Monstro*, da S.E.M. Cia de teatro, participou da 28º edição do Festival de Teatro de Curitiba, que ocorreu de 26 de março a 7 de abril de 2019, na cidade de Curitiba, Paraná, no Brasil. Segundo a organização do evento, a prefeitura inviabilizou a apresentação de algumas peças no Memorial de Curitiba nos momentos finais, devido a conflito de agenda. O Memorial era um dos espaços públicos que seria utilizado para a mostra e entre as peças estava *A*

*Mulher Monstro*. Sendo assim, a S.E.M. Cia de teatro teve que se apresentar nas Ruínas São Francisco da Praça João Cândido. Foi assistida por mais de dez mil pessoas, obtendo, então, o maior público de todo o Festival.

O jornal Brasil de Fato (Ramires 2019) noticiou que o prefeito Rafael Greca (DEM), apoiador do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro (PSL), proibiu a peça devido à crítica feita ao presidente, contudo, a peça manteve-se na programação do Festival.

Segundo informações da S.E.M. Cia de Teatro, o polêmico espetáculo estreou em julho de 2016, circulou por quinze (15) festivais e mostras do país, passou por sete (7) estados, três (3) regiões e treze (13) cidades brasileiras, totalizando sessenta e cinco (65) sessões. Foi apreciado e comentado com crítica favorável frente ao público e crítica especializada. Recebeu dezessete (17) títulos entre premiações, indicações, menções honrosas e homenagens solenes. Dentre eles o Prêmio Cenym, pela Academia de Artes no Teatro, de melhor monólogo do Teatro Nacional de 2017.

Constitui a equipe da S.E.M. Cia de teatro Sérgio Gurgel Filho, responsável pela iluminação, sonoplastia e coordenação de palco; Mylena Sousa, fotografia e registros audiovisuais; Diógenes Luiz, concepção de maquiagem e sonoplastia e José Neto Barbosa, responsável pela direção, dramaturgia, cenografia, figurino e atuação.

A peça *A Mulher Monstro* está disponível na plataforma youtube, sendo um monólogo definido pela própria Cia como uma tragicomédia. É representado pelo ator José Neto Barbosa, que se traveste de uma mulher burguesa, falsa cristã, preconceituosa, histérica, egoísta e solitária. A personagem revela posições de opressão, intolerância e assédio. Durante toda a peça, ela fica dentro de uma jaula e transforma-se em uma verdadeira "monstra", devido a falas e expressões físicas do ator. Esta imagem está baseada na Mulher Monga/Konga dos parques e circos nordestinos, ainda presente no imaginário popular brasileiro. Segundo a S.E.M. Cia de teatro, a Konga foi transposta para a criação da personagem como metáfora do que realmente deveria ser interpretado como monstruosidade humana.

O texto dramático é uma colagem de declarações preconceituosas, polêmicas e verídicas de políticos, como as do atual presidente Jair Bolsonaro; tais declarações podem ser acessadas no youtube e têm origem em figuras públicas, manchetes de revistas, jornais, de opiniões de redes sociais e do cotidiano do dramaturgo, as quais são atualizadas a cada apresentação. Por isso o espetáculo se relaciona especialmente com a atualidade político-social do Brasil.

Figura 1 - A Mulher Monstro. Créditos de Jorge Farias

Por outro lado, também é inspirado no conto *Creme de Alface* de Caio Fernando Abreu, escrito em 1975, durante a ditadura militar, mas lançado em 1994, devido à censura. Este conto mostra situações desconfortáveis, num contexto miserável, de uma mulher fabricada pelas grandes cidades. É todo recortado, não seguindo uma narrativa linear. Refere-se a temas como suicídio, atropelamento, gravidez antes de casar, desprezo e nojo pelos pobres e negros, traição do marido com a empregada mulata, uso de drogas, mulher alcoólatra; há uma longa descrição sobre violência praticada por esta mulher contra uma menina que lhe pede dinheiro na rua, em meio à multidão.

A peça segue o mesmo formato do conto de Caio Abreu. Entre um trecho e outro, o dramaturgo insere opinião pública sobre temáticas polêmicas, não menos desconfortáveis, colhidas das redes sociais, jornais e do cotidiano, que expressam posições discriminatórias, preconceituosas e carregadas de ódio, sobre temas como aborto, maioridade penal, xenofobia, racismo, sexismo, gordofobia, homolesbotransfobia e machismo, inclusive, fundamentadas com uma lógica religiosa.

O enredo é valorizado pelo efeito de luz, ora com blecaute, ora com foco de um dos lados da jaula. Problematiza a complexidade do momento político-social da atual da sociedade brasileira, que teve início com o golpe de 2016; e reinterpreta algumas cenas assistidas por toda a sociedade. Na abertura, por exemplo, traz o ecoar das panelas que pediram o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, episódio que marcou o país.

Figura 2 - A Mulher Monstro. Crédito de Jorge Farias

Transcrevo fragmentos do texto dramático, a título ilustrativo do seu conteúdo verbal, separadas por um critério temático, para a seguir fazer uma reflexão a partir de um enquadramento teórico:

1. aborto:
    a. – "eu acho isso um absurdo, ela fez o bem-bom, agora está toda arrependida, eu não mandei abrir as pernas, não, porque eu sou cristã, entendeu, Deus diz assim, a lei é só uma e ela é imitável, todo mundo tem o direito à vida".
    b. – "coitadinho desse bebê, só quem pode tirar a vida é Jesus Cristo. Nenhuma mulher no mundo tem o direito de tirar a vida de uma criança".
2. direitos humanos:
    a. – "direitos humanos para humanos direitos. É por isso que eu sou a favor da pena de morte, porque tá na bíblia. A árvore que não der bons frutos tem que ser cortada pela raiz"
    b. – "bandido bom é bandido morto".
    c. – "para quem rouba, corta a mão, quero ver roubar com os cotoquinhos. E ainda tem quem rouba sem um dedo" (refere-se através de gesto da mão ao ex-presidente Lula, que não tem o dedo mínimo).

d. – "você sabe qual foi o erro da ditadura? Foi torturar e não matar, agora tem esse monte de vagabundo por aí".

3. homofobia:
    a. – "não sei como a mãe aceitou quando ele se descobriu, não, porque Cainho ele tinha jeito desde pequeno, eu mesma não deixava Raulzinho brincar com ele, quando eles eram crianças. Deus me livre, vai que pega o jeito".
    b. – "tem gay que nem parece ser gay. Tudo bem você ser gay, mas não precisa ficar desmunhecando por aí, se passa um idoso na hora, ele não iria entender".
    c. – "na verdade é que eles querem destruir as nossas famílias tradicionais brasileiras".
    d. – "ditadura que a gente vê ao monte, é a ditadura gay, porque eles querem vandalizar as nossas famílias".
    e. – "uma criancinha crescer com 2 pais ou 2 mães, não venha me dizer que psicólogo defende a gente, que eles só defendem esse negócio de kit gay, para ganhar dinheiro".
    f. – "uma criancinha crescer com 2 pais ou 2 mães, imagine você vai interferir no psicológico daquela criança, vai interferir no desenvolvimento dela".
    g. – "tá no livro levítico da bíblia: um homem não te deitarás com outro homem como se fosse uma mulher".
    h. – "nada contra o homossexualismo, mas não é normal, não eu não sou preconceituosa, eu até tenho um amigo gay, é o meu cabelereiro".
    i. – "Rauzinho em toda festa aparecia com uma namorada diferente, mas antes um pegador do que dar pra viado, não é?"
    j. – "acho que eu seria incapaz de amar um filho homossexual, eu prefiro que Deus o leve, que perder para Satanás".
    k. – "ter vizinho gay desvaloriza o imóvel".
    l. – "como é menina aquela doença de viado, é porque essa aids é o câncer gay. Então que queime essas aberrações homossexuais, o salário do pecado é …"
    m. – "feminista, sapatão, hippy"
    n. – "esses estupradores deveriam pegar essas lésbicas, que são essas aberrações, podia deixa as mulheres normais fora disso".
    o. – "a mulher tem 50% por cento de culpa, ela não devia frequentar aqueles lugares".
    p. – "cultura do estupro não existe não".

q. – "sabe qual é a semelhança entre a feminista e o miojo, ficam prontas em 3 minutos, e são comidas de universitário" (miojo é um tipo de macarrão instantâneo)

4. inclusão social:
    a. – "se for ter cotas para negros e pra índio tem que ter cotas para albino, para branco, para pardo também" (cota é um programa de acesso às universidades, iniciado no governo Lula, para negro e estudantes da rede pública. Em 2012, foi promulgada a Lei das Cotas (12.711), estabelece que as instituições federais de ensino superior e ensino técnico reservarão, no mínimo, 50% de suas vagas para estudantes provenientes de escolas públicas, com subdivisões de reservas para pretos, pardos, indígenas e deficiências. fonte: Retratos revista do IBGE, maio de 2018).
    b. – "você teria coragem de levar sua filha para ser atendida por um médico cotista, filho de uma empregada? Higiene e educação vem de berço!".
5. machismo:
    a. – "como uma mulher como a Rosineri chega ao ponto de ficar bebendo desse jeito, como uma mulher desce ao ponto de ficar bebendo como um homem, como macho".
    b. – "mas sabe o que que é isso, é que a tia Lucinda nunca teve um marido tão presente em casa, logo ela que teve um filho menino, que precisa da figura de um pai, não é, pra poder se transformar num homem é preciso conviver com outros homens".
    c. – "atravessei a sala nas pontas dos pés, ao abrir a porta do quarto, de repente a bunda nua de Artur subindo e descendo sobre um par de coxas escancaradas". (a traição do marido com a empregada mulata é justificada com a frase: "- isso é coisa de homem!")
    d. – "ela usava um shortinho curto meu amor, ela só não era estuprada porque ela não merecia".
6. preconceito:
    a. – "bando de pivete imundo, tinha que mandar matar, flanelinha do cão, mama na teta do governo, se fosse nos Estados Unidos, não, porque agora lá tem Trump".
    b. – "porque a escola pública hoje é um verdadeiro recrutamento de traficantes. É bom privatizar tudo, não é? ou então chama a PM ( Polícia Militar) para bater, pra ver se virá homem de bem".

c. – "toda vez que saio para trabalhar encontro com a faxineira da vizinha no elevador".
d. – "como é que uma gorda senta ao lado de outra mais gorda, só para atrapalhar".
e. – "além de preta, gorda, é macumbeira".
f. – "toda mulher que recebe um psiu no trânsito não aumenta a autoestima, ainda mais para ela que é tortinha, é deficiente física. Porque eles não dão oportunidade para deficiente físico, fora da paraolimpíada, você já viu alguma celebridade deficiente?"
g. – "os nordestinos são todos burros mesmo, vocês todos são burros deveriam todos comer capim".

7. racismo:
   a. – "ah neguinha ordinária, cabelo ruim, cabelo pixaim, cabelo de nego, de bombril".
   b. – "áh empregadinha ordinária, áh empregadinha sebosa. Burra fui eu que não adivinhei, sabe por que, porque 'nêgo' quando não caga na entrada caga na saída".
   c. – "se pegasse naquela neguinha e jogasse para cima, se voasse era urubu, se caísse no chão era bosta".
   d. – "eu vou confessar meninas, eu morro de medo sim, de ver gente escurinha, malvestida vindo na minha direção na rua".
8. xenofobia
   a. – "você sabe o que é esses vírus mutantes? Vírus mutantes são essas doenças que neguinhos, esses fulaninhos trazem clandestino no navio pra cá, se eles colocassem um cerca de choque, pronto, esses neguinhos não entravam clandestino pra cá".
   b. – "é como se fosse Sodoma e Gomorra de hoje em dia, eles não conseguem ficar nos países deles".
   c. – "eu morro de pena, mas esse povo da África, eles descendem de um descendente amaldiçoado".

Figura 3 - A Mulher Monstro. Crédito de Mylena Sousa

A fala da personagem mostra vários "modos de ver e não ver", "modo de viver e de conviver", pelo qual o linguajar coordena comportamentos consensuais que aparecem entrelaçados com estados emocionais e que constitui um sistema conservador fechado, conforme defende Maturana (1993). Este autor defende que toda ação é definida pela emoção:

> Assim, ao falar de amor, medo, vergonha, inveja, nojo... conotamos domínios de ações diferentes, e advogamos que (...) só pode fazer certas coisas e não outras. Com efeito, sustento que a emoção define a ação (...) a cada instante, que espécie de ação é um determinado movimento ou uma certa conduta (...) que faz deles uma ação ou outra; um convite ou uma ameaça, por exemplo (Maturana 1993, 10).

Paralelamente, Goethe citado por Bhabha (1998, 33) defende que "a natureza interna de toda nação, assim como a de cada homem, funciona de forma inconsciente". Essas visões invalidam o predomínio da racionalidade discursiva. O conteúdo dos enunciados da personagem sustenta ações e atitudes que ferem os direitos humanos e o Estado democrático. Por exemplo, associar a ação da Polícia Militar (PM), que tem como uma das missões a segurança da população, a bater nos cidadãos, com intuito de corrigir as ações "para virar homem de bem", é uma visão paternalista de intervenção do Estado. Ao difundir essa ideia como valor e verdade, a missão policial torna-se corrigir a ação de todos aqueles que não são de bem, segundo um valor moral

prévio, em detrimento do primado da lei e do direito. Assim, legitima-se a polícia bater, perseguir e matar sem critérios legais.

Outro exemplo que segue o mesmo viés, consiste na declaração do atual presidente do Brasil, Jair Bolsonaro, que além de homenagear torturadores da ditadura militar, disse que "o erro da ditadura militar foi ter torturado e não matado". É uma retórica política desumana, devido a sua posição ética - não há virtude cívica -, contudo, ele tornou-se um mito para a maioria da população brasileira, que o elegeu. É uma condição, minimamente, estranha este posicionamento ético-estético de identificação.

Figura 4 - A mulher monstro. Crédito de Jorge Farias.

Através da personagem, a peça assume essas visões, explora esse capital simbólico. Ela é a própria cara deste sujeito histórico, que pinta o rosto de verde amarelo para defender a ditadura militar, a ação irrestrita da polícia, da liberação de armas, em nome da segurança, da defesa da família, da propriedade privada e de Deus.

Bhabha (1998) afirma que é importante observar o que está sendo dito, quem diz o que e quem está representando quem, pois as narrativas constroem verdades, produzem sentidos, são atos de representar de uma comunidade que refletem divisões geopolíticas e suas esferas de influência, para além da questão de alteridade cultural e de solidariedade, envolvem lutas políticas

que ocorrem dentro da sociedade entre os grupos opositores, mas, sobretudo, refletem o papel hegemônico da cultura ocidental neoimperialista. Há estratégia de legitimação da produção de alteridade e produção de conhecimento do colonizador através do discurso, que apresenta o colonizado como uma população de tipos degenerados nos vários segmentos culturais e sociais, por exemplo, por classes, gênero, ideologia, formações sociais diferentes, etc.

Outra temática extensivamente abordada na peça é a homossexualidade. Aponto o conservadorismo sobre o tema em três direções: 1) homossexualidade e normatividade, exemplo: "- nada contra o homossexualismo, mas não é normal", 2) homossexualidade e religião, exemplos: "- acho que eu seria incapaz de amar um filho homossexual, eu prefiro que Deus o leve, que perder para Satanás"; "- tá no livro levítico da bíblia: um homem não te deitarás com outro homem como se fosse uma mulher" e 3) homossexualidade e família, exemplos: "- na verdade é que eles querem destruir as nossas famílias tradicionais brasileiras"; "– ditadura que a gente vê ao monte, é a ditadura gay, porque eles querem vandalizar as nossas famílias"; "– uma criancinha crescer com 2 pais ou 2 mãe, não venha me dizer que psicólogo defende a gente, que eles só defendem esse negócio de kit gay, para ganhar dinheiro"; "– uma criancinha crescer com 2 pais ou 2 mães, imagine você, vai interferir no psicológico daquela criança, vai interferir no desenvolvimento dela".

É crucial compreender que há um embate cultural acerca das diferenças de gênero, nesse caso conflituoso. Segundo Bhabha (1998), embates culturais são processos de subjetivação – singular ou coletiva - produzidos na articulação de diferenças culturais, que desestabilizam o processo estético-ideológico de significação do sujeito histórico, pois "... dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria sociedade" (Bhabha 1998, 20).

Há uma ambivalência discursiva e psíquica de poder discriminatório e opressor - sexual ou racial - típico do discurso colonial (Bhabha 1998), no interior d'*A Mulher Monstro*, que assume uma estratégia de dupla significação. Se evidencia uma sociedade moralista, fundamentalista e excludente, extensamente apresentada até agora, em oposição a uma sociedade imaginada, que está por vir, pautada no direito e na defesa da articulação de diferenças raciais/culturais/históricas e que contribuem para a construção de políticas do presente com narrativas de visibilidade de identidades para circular na esfera pública. Em outras palavras, os estereótipos são representados pelo ator com tamanha agressividade e histeria que cria, no espectador, uma forma complexa de aversão (desprazer) àquela mulher e suas falas. O enredo faz uma força reversa, não de consentimento, mas de denúncia de um resquício de uma cultura tradicional, que resiste ao longo dos séculos, é classista, sexista, fundamentalista, segregacionista e despolitizada.

Este jogo de realidade e representação propõe discussões para além da ficção apresentada, abre margem para mostrar as contradições da identidade da nação brasileira. Também põe em xeque o projeto de civilização que se deseja construir. Desse modo, é um convite à reflexão sobre a sociedade tal qual ela se apresenta hoje, sobretudo, no cenário sombrio das ações humanas que transitam e revelam, nas cenas do cotidiano, o território dos sonhos, emoções, desejos, fantasias, mitos, ambições e obsessões condizentes com as de um monstro.

O Brasil é um país desigual historicamente, marcado por diversos preconceitos de cor ou raça nas relações sociais. Essa estrutura é chamada de 'racismo institucional', baseada em dados estatísticos que demonstram que a raça condiciona o acesso aos direitos fundamentais, segundo a *Retratos: a revista do IBGE* (2018), que também revela, a partir do último censo, "(...) que brancos, em relação aos pretos e pardos, têm maiores salários, sofrem menos de desemprego e são a maioria que frequentam o ensino superior" (2018, 3).

A desigualdade tem vários e diferentes níveis, segundo entrevista de André Simões à *Retratos* (2018). Pode ser uma desigualdade de oportunidades, de renda, de mercado de trabalho, de nível simbólico, de pertencimento ao local, ao país e de se sentir igual. Está também relacionada à categoria de classificação de raça e cor de pele. O racismo institucional tem como fundamento à mestiçagem ou à "tese do branqueamento". Presente nas décadas iniciais da República. Essa ideologia era baseada na presunção da superioridade branca e na crença de que, com a imigração europeia, haveria uma miscigenação, produzindo uma população mais clara e um gradual desaparecimento da população negra (*Retratos: a revista do IBGE* 2018, 18).

Na peça *A mulher monstro*, a força do racismo e do preconceito ao pobre são análogas, por exemplo, nas frases, "– se for ter cotas para negros e para índio tem que ter cotas para albino, para branco, para pardo também", " – bando de pivete imundo, tinha que mandar matar, flanelinha do cão, mama na teta do governo", "– toda vez que saio para trabalhar encontro com a faxineira da vizinha no elevador", "– além de preta, gorda, é macumbeira", "– ah neguinha ordinária, cabelo ruim, cabelo pixaim, cabelo de nego, de bombril", "– você sabe o que é esses vírus mutantes? Vírus mutantes são essas doenças que neguinhos, esses fulaninhos trazem clandestino no navio pra cá", "– eu morro de pena, mas esse povo da África, eles descendem de um descendente amaldiçoado", "– eu vou confessar meninas, eu morro de medo sim, de ver gente escurinha, mal vestida vindo na minha direção na rua".

Sendo assim, no Brasil, uma sociedade pós-colonial, de herança escravocrata e patrimonialista, com 190 milhões de habitantes, segundo o IBGE, e apenas 10% detêm os maiores rendimentos do país e 40% os menores (Silveira, 2018), tendo em vista que 26,5% da população vivem na linha de pobreza, com menos de US$ 5,5 diários ou R$ 406 mensais, critério do Banco

Mundial para definir se uma pessoa é pobre. Com esse problema de desigualdade social institucionalizado, o país mantém-se como na pós-abolição, quando não foram promovidas políticas públicas de inserção do negro na sociedade brasileira e grupos raciais em situação de vulnerabilidades não foram protegidos, por exemplos, os índios (*Retratos: a revista do IBGE* 2018). Portanto, hoje, as políticas públicas ainda são insuficientes.

Metade da população está entre os limites de riqueza e pobreza. Já não se aplica mais a totalidade da lógica 'sou branco, sou rico' (Bhabha 1998), porque mais da metade da população brasileira é mestiça, entretanto, estão em um sistema de representação, em um regime de verdade que

> (...) coloca o sujeito em uma relação de poder e reconhecimento que não é parte de uma relação simétrica ou dialética - eu/outro, senhor/escravo - que pode então ser subvertida pela inversão. Os sujeitos são sempre colocados de forma desproporcional em oposição ou dominação através do descentramento simbólico de múltiplas relações de poder que representam o papel de apoio, assim como o de alvo ou adversário (Bhabha 1998, 113).

A lógica da discriminação e preconceito racial baseia-se supostamente na inversão da lógica apresentada por Bhabha. Se tenho mais poder aquisitivo, sou menos escravo e mais senhor em relação aquele que tem menos. Essa lógica reforça ainda mais as condições de desigualdade social, pois criam abismos nas relações pessoais e sociais, perpetuam estigmas de determinados grupos. Só poderia ser subvertida, caso houvesse políticas públicas de ação afirmativa, através de leis adequadas e não discriminatórias, distribuição de renda e proteção salarial, conforme previsto pelas metas da ODS 10 (Objetivo de Desenvolvimento Sustentável) (*Retratos. A Revista do IBGE* 2018).

Neste sentido, tanto o conto de Caio Fernando Abreu intitulado "Creme de Alface" (1997), através da fala e das situações apresentadas, como a peça *A Mulher Monstro* (2016), expõem o posicionamento sócio-ideológica dessas épocas. Para Márcia Silva, Caio percebe "(...) as forças internas e externas que controlam o ser humano e suas ações" e talvez com isso "queira despertar nossa consciência social, justamente através da ausência desta na personagem" (Silva, 2007: 96). É uma proposição de dupla estratégia, uma ambivalência discursiva e psíquica.

## Bibliografia

Bhabha, Homi K. 1998. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Versão online: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br (consultado a 22 de junho de 2019)

Maturana, Humberto e Gerda Verden-Zoller (ed.). 2009. "Conversações Matrísticas & Patriarcais". In *Amar e Brincar: Fundamentos Esquecidos do Humano***,** 8-105. São Paulo: Palas Athenas Editora.

Mídia Ninja. 2018. "Bolsonaro em 5 minutos. Assustador!". Versão online: https://www.youtube.com/watch?v=ghCP4r-hzYI (consultada a 26.06.2019, min. 5:16.)

Ramires, Manoel. 2019. "Prefeito de Curitiba (PR) censura peça critica a Bolsonaro e trupe protesta. In. Brasil de fato". In *Público* 1 de Abril de 2019. Versão online: https://www.brasildefato.com.br/2019/04/01/prefeito-de-curitiba-censura-peca-critica-a-bolsonaro-e-trupe-protesta/

*Retratos a Revista do IBGE*. 2018. "Somos todos iguais? O que dizem as estatísticas?" Nº 11, maio. Versão online: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/17eac9b7a875c68c1b2d1a98c80414c9.pdf (consultada a 26.06.2019)

S.E.M. Cia de Teatro. 2018. "A Mulher Monstro de José Neto Barbosa ". Versão online: https://www.youtube.com/watch?v=j5AlObshWPc&t=169s (consultado em 24.06.2019, min. 1:26:48).

Silva, Márcia Ivana de Lima. 2007. "Caio F: consciência de si, consciência do outro." *O Eixo e a Roda*: *Revista de Literatura Brasileira* 15: 91-96.

Silveira, Daniel. 2018. "No Brasil, 10% mais ricos ganham cerca de 17,6 vezes mais que os 40% mais pobres, aponta IBGE". Versão online: https://g1.globo.com/economia/noticia/2018/12/05/no-brasil-10-mais-ricos-ganham-cerca-de-176-vezes-mais-que-os-40-mais-pobres-aponta-ibge.g.html (consultado a 26.06.2019)

**Nota biográfica**

Doutoranda do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS 20), da Universidade de Coimbra. Possui bacharelado e licenciatura em Dança pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Mestrado pelo Programa de Pós-graduação em Ensino, História e Filosofia da Ciência e Matemática da Universidade Federal do ABC (UFABC).

**Orcid Id:** 0000-0002-6097-9455
**Morada institucional:** Largo da Porta Férrea /3004-530 Coimbra Portugal

Recebido|Received 09 05 2019
Aceite |Accepted 20 05 2019